

PRÁTICAS AVALIATIVAS NO COTIANO DA ESCOLA ESTADUAL SITUADO NO VALE DO JIQUIRICÁ, BAHIA

Thais da Cruz da Silva¹

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Terciana Vidal Mouta²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma pesquisa desenvolvida no Componente Curricular Avaliação em Educação do Campo do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Agrárias da UFRB e teve como foco analisar como se dá as práticas de avaliação da aprendizagem no espaço escolar. A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Estadual localizado em um dos municípios do Vale do Jiquiricá, Bahia. A metodologia utilizada para realização da pesquisa foram questionários aplicados para estudantes do ensino médio e entrevistas com o diretor e professor da escola. Após realizar a pesquisa nota-se que o processo de avaliação da aprendizagem nas práticas avaliativas da escola ainda permanece privilegiando procedimentos classificatórios.

Palavras-chave: Aprendizagem; Dimensão da avaliação; Processos classificatórios;

Referencial Teórico

A concepção de avaliação como processo de medida teve sua origem no início do século XX nos Estados Unidos, com os estudos de Thorndike acerca dos testes educacionais. Tais estudos prosperaram muito e resultaram no desenvolvimento de testes padronizados para medir habilidades e aptidões dos alunos (CHUEIRI, 2008). Quanto a essa questão, Meneghel e Kreischa (2009, p. 3) apontam que, “As concepções atuais sobre avaliação foram desenvolvidas a partir de 1980 quando a avaliação, tendo entrado nos discursos sociais, especializados ou não, adquiriu certo reconhecimento público.”

Nos dias atuais a avaliação vem sendo alvo de várias discussões e reflexões, Meneghel e Kreischa (2009), afirmam que recentemente ela tem sido alvo de discussões acaloradas entre os diversos atores sociais, em um contexto onde os resultados dos

¹ Discente do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Área de Conhecimento Ciências Agrárias pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. (UFRB), Centro de Formação de Professores, Amargosa-BA. thaiscruz9818@gmail.com.

² Doutora em Ciências da Educação, Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Atua no Centro de Formação de Professores (CFP) da UFRB nos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo com Ênfase em Ciências Agrárias e no Mestrado Profissional em Educação do Campo.

processos avaliativos promovidos pelo Estado são indicadores de qualidade da aprendizagem e, ainda, de eficácia da aplicação de recursos públicos. As mesmas autoras apontam que avaliação sempre se fez presente nos meios escolares e, ao longo da história, tem sido usada de diferentes formas, com distintas funções, objetivos, metodologias.

Avaliação sempre esteve presente nos meios escolares e como prática escolar não se constitui como uma atividade neutra, mas sim uma atividade dimensionada, ancorada por concepções de sociedade e de educação, traduzidas nas diferentes práticas pedagógicas e avaliativas praticadas no cotidiano escolar. Nessa direção, podemos partir do pressuposto de que a avaliação, como prática escolar, não é uma atividade neutra ou meramente técnica, isto é, não se dá num vazio conceitual, mas é dimensionada por um modelo teórico de mundo, de ciência e de educação, traduzida em prática pedagógica (CHUEIRI, 2008).

Porém, apesar dos debates e discussões em torno da avaliação da aprendizagem escolar, não superou-se uma concepções histórica de avaliação que ainda acomete o processo e práticas de avaliação presentes no cotidiano das escolas. Trata-se da “pedagogia do exame”. Para Luckesi (2000) a prática pedagógica é atravessada por essa pedagogia, na medida em que, há uma preocupação e centralidade excessiva nas notas, provas e nos exames e resultados, em detrimento da aprendizagem, afastando-se assim, da concepção de avaliação defendida pelo autor como “um ato amoroso”, que compreende o processo de avaliação em sua complexidade e inteireza. Segundo Luckesi (2000), a avaliação da aprendizagem deve ser um ato de acolher, incluir e não algo que exclui, oprime e classifica, como afirma na assertiva a seguir:

A avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos. Chega de confundir avaliação da aprendizagem com exames. A avaliação da aprendizagem, por ser avaliação, é amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, diversa dos exames, que não são amorosos, são excludentes, não são construtivos, mas classificatórios. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam (LUCKESI, 2000, p. 1).

O autor ainda ressalta que, o ato de avaliar, devido a estar a serviço da obtenção do melhor resultado possível, antes de mais nada, implica a disposição de acolher. Pois só através do acolhimento é que é possível se desenvolver qualquer prática avaliativa. Sem acolhimento, temos a recusa. E a recusa significa a impossibilidade de estabelecer um vínculo de trabalho educativo com quem está sendo recusado (LUCKESI, 2000).

Além do ato de acolher a avaliação tem outros dois processos que são indissociáveis, o processo de diagnosticar e o de decidir. Não é possível uma decisão sem um diagnóstico e um diagnóstico sem uma decisão, seria um processo abortado (LUCKESI, 2000). Na mesma linha de pensamento, Meneghel e Kreischa (2009, p. 6), sublinham que, “O diagnóstico é essencial para chegar à avaliação emancipatória que visa, basicamente, a promoção de sujeitos.”

A avaliação adquire caráter de diagnóstico, quando o educador ou a educadora, criam estratégias que ajudem seus educandos a desenvolver e buscar reflexões críticas e diversas no seu processo de aprendizagem (MENEGHEL e KREISCHA, 2009). Destarte, é a partir desse momento que o educador (a) possibilita que a avaliação chegue até ao educando de modo que seja significativa e não opressora, permitindo que o mesmo possa dialogar seu próprio processo e estratégias de aprendizagem, como também propiciar um feedback, em que o trabalho do educador(a) poderá ser constantemente avaliado e reconstruído, à medida que avance também na aprendizagem do (a) aluno (a).

Caracterização da escola

A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Estadual localizado em um distrito de um dos municípios do Vale do Jiquiriçá-Ba. O colégio funciona em três turnos: matutino, vespertino e noturno, oferecendo dois níveis de ensino, o EJA e o ensino médio. A forma de organização da escolaridade se dá em primeiro, segundo e terceiro ano, o perfil do alunado que frequenta a escola 30% são da zona rural, 70% são da urbana, oriundos das comunidades e localidades vizinhas. O colégio conta com vinte e sete professores, onde sete são efetivos e os demais na condição de REDA. Quanto à formação, vinte e cinco professores são graduados, um professor é mestre e uma professora não é graduada. Dos vinte e sete professores vinte e dois residem na comunidade em que a escola está inserida e os demais vêm das cidades circunvizinhas e do município sede do distrito. A escola precisa melhorar as condições de trabalho dos professores, bem como sua infraestrutura para desenvolver um melhor trabalho pedagógico.

A concepção de avaliação da aprendizagem da escola investigada

Realizamos uma entrevista com a direção da escola para apreender a concepção e práticas de avaliação da aprendizagem praticada na escola, em virtude de a escola não contar com a figura do coordenador pedagógico.

A concepção de avaliação defendida pela escola é a avaliação que não avalia somente o aluno, mas também a escola. Quando é identificado que numa determinada disciplina todos os alunos tem um desempenho ruim, principalmente nas provas, a escola é convocada a rever o planejamento e a metodologia do professor para rever o assunto e a forma como ele foi mediado em sala de aula. Assim, para a escola a concepção de avaliação não é só para avaliar o aluno, mas o contexto e todo processo-ensino aprendizagem.

A avaliação de aprendizagem dos estudantes é realizada a partir do conselho de classe onde o corpo escolar se reúne para destacar quais os pontos que precisam focar em cima dos resultados obtidos nas avaliações, focando no que precisa melhorar ou retornar, os critérios adotados pela escola para avaliar e a aquisição dos conteúdos pelos alunos.

A escola recorre sempre a prova como instrumento de avaliação e justifica essa escola porque com a prova fica mais fácil identificar e quantificar os erros e acertos. Porém, assegura a utilização de outros instrumentos como: seminários, apresentação de trabalhos, provas, aula de campo, relatórios, projetos realizados durante o ano letivo, além do simulando que é obrigatório em toda unidade. Recentemente alguns professores estão utilizando como instrumento de avaliação apresentações teatrais nas matérias de filosofia e sociologia.

Quanto a recuperação e formas de ajudar os alunos com desempenho negativo, a escola trata das questões de reprovação através da dependência escolar, na qual um professor fica com um único aluno. Essa tem sido uma garantia difícil, pois o professor que cuida dos alunos nessa condição não é cedido pelo Estado e sem pelo município, que nem sempre consegue atender a essa demanda. Além da dependência tem as aulas de reforço, no horário de acervo dos professores.

Diante dos erros dos alunos nas avaliações é feito uma análise no conselho de classe para ver como melhorar essa questão. Os professores nos momentos da atividade complementar (AC) discute o que deve fazer e fazem uma avaliação das práticas de

avaliação adotadas, seus critérios, estrutura das provas e das questões da provas, erros e acertos dos alunos e revendo no AC se as questões que foram colocadas nas prova tem relação com aquilo que foi ensinado em sala de aula, buscando problematizar a metodologia do professor.

Não existe critérios diferenciados adotados pela escola para avaliar nas diferentes disciplinas. Os professores tem abertura total para desenvolver quaisquer critérios avaliativos. Não há reorientação da aprendizagem na escola, o diretor relata que é o que a escola mais precisa, e que é importante ter na escola um coordenador pedagógico, pois, o gestor não tem condições de fazer, devido às inúmeras atribuições que lhe cabe. Mesmo assim, afirma que a escola tenta o máximo possível realizar reorientação, mas infelizmente não consegue. Pontua que há uma necessidade urgente de um profissional específico para isso, aqui um coordenador pedagógico.

A escolha dos conteúdos que irão ser requeridos nas avaliações na unidade letiva, é realizada no início do ano letivo através de planejamentos, com base nos descritores nacionais e com padrões voltadas para o Enem. O diretor justifica que infelizmente é assim, a escola vai dando foco maior aos assuntos mais importantes, e, os considerados menos importantes, são trabalhados em sala de aula, porém com foco e atenção menor, inclusive nas provas.

Não se adota um calendário para as avaliações, os professores têm total liberdade de escolher as datas, as únicas datas específicas são as datas das provas integradas e das provas finais. Quanto ao projeto político pedagógico, todo início do ano é feito um ajuste e avaliação, as vezes insere ou retira algo tenta-se adaptar o mesmo para o novo ano letivo, em cima disso discute como a avaliação está englobada nesse processo, tentando contemplar o que o corpo escolar quer realizar durante o ano através do projeto político pedagógico.

Não existe na escola práticas avaliativas que se aproxime das práticas de avaliação defendida pela Educação do Campo, a escola começou a participar das reuniões com o vice-diretor para discuti sobre a questão da escola do campo. Porém, a escola ainda não tem as práticas avaliativas consoantes à perspectiva da Educação do Campo, mas já começou a se pensar para os anos vindouros.

A avaliação da aprendizagem e a prática do professor

Realizamos uma entrevista com um professor da escola, para compreender como ele concebe e pratica a avaliação da aprendizagem em suas turmas. A entrevista da dimensão da avaliação do professor (a) foi realizada com um(a) professor(a) graduado(a) em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus Vitória da Conquista.

Para o professor(a) avaliação da aprendizagem escolar faz parte de um processo, faz parte do próprio planejamento, a avaliação ela é também um objeto de diagnóstico para que o professor (a) compreenda como é que está sendo esse contato, como está o processo de ensino aprendizagem e de como ela enquanto educadora está aplicado e como os alunos estão recebendo, desta forma a avaliação é uma forma de diagnóstico para compreender repensar e até mesmo para reavaliar o processo.

Deve se avaliar justamente porque avaliação em todo e qualquer planejamento ou plano de ação é necessária, porque precisa entender dentro da fragilidade o que é o planejamento é do que é educação, precisa entender o que está dando certo é o que não está, então quando você avalia, na verdade está avaliando o conjunto, enquanto educador (a) avalia o seu trabalho e avalia também o processo de aprendizagem do aluno, desta forma avaliar é necessário para diagnosticar como as coisas estão caminhando.

A concepção de avaliação da escola ainda permeia por aspectos burocráticos, ainda tem como significado um resultado que é uma nota, isso é real, e o próprio aluno(a) tem essa preocupação porque isso define no final do ano se ele(a) avança ou não, de repente ele(a) pode ou não ter habilidades que expresse um avanço maior em uma determinada área ou até mesmo em um tipo de avaliação, mas no processo geral para a escola ainda tá muito presente o aspecto do valor da nota, por uma questão também maior.

O professor(a) recebe orientação para avaliar seus alunos(as), através do que chama de semana pedagógica e conselho de classe, dentro desses movimentos existem normas do estado, em alguns momentos recebesse orientações e normas das redes de modo geral, de modo mais amplo, os professores(as) dialogam e muitas vezes define no coletivo de AC e estrutura a avaliação, mas não tem uma orientação pedagógica específica, a avaliação paralela tem diretrizes maiores que serve para toda a rede e orienta os professores (as), há na escola uma prova específica, que chama de avaliação integrada ou simulado, nesse caso há uma orientação através de uma diretriz da escola

para essa avaliação, mas não existe um foco, uma coordenação que trabalhe especificamente com esse assunto.

A forma do professor(a) avaliar seus alunos são de diversos aspectos, ele(a) acredita que a avaliação não só perpassa apenas por uma prova escrita, se percebe que tem alunos que tem dificuldades nesse processo de ensino aprendizagem, e em uma prova escrita ele(a) não tenha um êxito que talvez deseje, mas claro que envolve principalmente hoje a participação, e como há um esforço pessoal nesse desenvolvimento, sabemos que há limitações intelectuais e outros aspectos, então para além de uma avaliação escrita, avaliação oral, existe o processo de observação de como tá essa participação e como anda o esforço pessoal, e o processo de evolução individual, que é difícil desenvolver na rede pública, porque tem muitos alunos normalmente, mas quando se consegue ter essa percepção do indivíduo, consegue entender o quanto o aluno avançou.

O professor(a) relata que avalia seus alunos justamente para compreender e diagnosticar como está o seu trabalho e como que seus alunos(as) captaram o material que debateram em sala, como foi a construção desse conhecimento, como que houve interação, se conseguiu alcançar seus objetivos enquanto professor(a), a avaliação é também para planejar, repensar, diagnosticar dificuldades e perceber como avançar a partir daí, essa avaliação inclusive ela funciona e é muito importante para o planejamento durante o ano.

Os instrumentos que o professor(a) utiliza para avaliar seus alunos(as) são: seminários, aulas de campo, análise de uma obra ou de um filme, as vezes resenha de um texto, oficina, de modo geral tem a avaliação escrita, que a mesma acredita ainda ser o cargo chefe do seu trabalho, por diversos aspectos, por conta de ter toda uma estrutura.

Com o resultado das avaliações dos seus alunos(as) o professor(a) destaca que esses resultados são muito importantes para ele(a) enquanto professor(a), porque ele(a) celebra quando tem avanços, pois se inclui nesse processo, é parte disso. Acredita que um bom rendimento de seus alunos é reflexo de um bom andamento do processo ensino aprendizagem. Quando percebe que os resultados e o desempenho de seus alunos não são tão positivos, volta e avalia o seu trabalho, pois para ele a avaliação do alunos é muito mais que uma avaliação apenas do indivíduo ou de uma turma, é uma avaliação

também do seu trabalho enquanto educador(a) e da própria estrutura escolar e da própria estrutura social.

Com os alunos que não conseguem ter um bom desempenho nas avaliações, de modo geral requer um acompanhamento mais individual, é necessário identificar as dificuldades, que pode ser uma dificuldade de aprendizado. Muitas vezes no conselho de classe ou até mesmo nos intervalos na sala dos professores, os mesmos conversam e trocam experiências, não no intuito de expor o aluno, mas no intuito de tentar compreender o porquê das dificuldades dos alunos em seu processo de aprendizagem. E, quando se identifica as possíveis causas, os professores buscam se aproximar mais desses alunos para identificar qual é a dificuldade e tentam trabalhar em torno dela. Apesar do professor entrevistado nunca ter participado de nenhuma formação específica sobre avaliação escolar, o professor(a) aponta que não há dificuldades de avaliar seus alunos, porque não ver avaliação como punição. Avaliação para ele(a) é um momento de aprendizagem.

A escola não conta com a prova Brasil, a prova Brasil é até o fundamental dois, tem algumas provas internas e a olimpíada de Matemática, e até mesmo o ENEM que não é uma prova interna, mas, que a escola dá foco, porém o professor(a) relata que essas provas não tem impacto na sua prática pedagógica, até porque não vive colocado a sua dinâmica de sala de aula dentro de uma caixinha para obter um resultado em uma prova dessas que muitas vezes é elaborada pensando em uma realidade diferente da nossa. Relata também que acha que as habilidades que essas provas exigem são necessárias, a capacidade de raciocínio lógico, de leitura e interpretação de texto, compreendendo que algumas exigências dessas provas são fundamentais, mas, não só matemática e português são as responsáveis, as outras disciplinas que ele(a) trabalha tem um peso fundamental no processo de uma análise crítica e de uma leitura crítica e de uma abordagem mais profunda.

Para a professor(a) o processo de avaliação da aprendizagem nas escolas deveria ser de uma forma que ela considera bem bacana, mas que também não pode ser usada de forma irresponsável que é um diagnóstico de habilidades, onde os estudantes(as) conseguem ter um talento natural para desenvolver, como por exemplo, os alunos que tem uma expressão mais para o artista, que inclusive dá para trabalhar em todas as disciplinas, valorizar e estimular isso e ver também que há uma necessidade de uma compreensão melhor do indivíduo, porque o indivíduo não é só aquele que senta e

responde uma prova, ele(a) tem uma vida além dali. Tem que observar a realidade social, é um diagnóstico maior. Para ele o indivíduo precisa ser mais valorizado em suas singularidades no processo de avaliação da aprendizagem escolar.

O processo de avaliação da aprendizagem nas escolas para atender a questão da diversidade e diferenças apresentadas pelos alunos(as) deveria ser, na opinião do professor(a), um processo que levasse em consideração outros aspectos, aspectos sociais, econômicos e culturais. Porém, destaca que tecnicamente não sabe como fazer isso com os profissionais que tem na rede, que talvez seria necessário criar algumas redes com disponibilidade de mais professores, pedagogos, psicopedagogos, assistentes sociais e avaliar esse ser humano como todo, mas que a escola precisa ainda trazer mais esses aspectos, esses indivíduos, o retrato dos grupos que estão presentes na escola e a diversidade. O professor(a) acredita que para a escola fazer essa atividade de forma mais efetiva e não isolada, para ser um projeto, que seja construído e que aconteça a todo momento é necessária uma rede maior de profissionais.

O aluno e a avaliação da aprendizagem escolar

Para apreender a representação dos alunos sobre as práticas de avaliação da aprendizagem escolar praticada na escola, aplicamos um questionário à 6 estudantes do 1º ano C, 2º ano B e C e 3º ano A. No questionário os estudantes desenharia a cara da avaliação, em seguida justificaria a sua representação e depois expressaria a sua opinião sobre avaliação da aprendizagem praticada na sua escola.

Na justificativa da sua representação o estudante 1, relata que a cara da avaliação é de “Preocupação com a nota e principalmente quando você não entende o assunto. Acho que não deveria existir avaliação.” Na opinião do estudante 1 sobre a avaliação da aprendizagem praticada na sua escola, ele(a) aponta: “Não gosto, acho que deveria existir outros meios de avaliar a capacidade e aprendizado dos alunos.”

O estudante 2, relata que a cara da avaliação é “Um pouco pensativa, sem entender o que está acontecendo.” Na opinião do estudante 2 sobre a avaliação da aprendizagem praticada na sua escola, ele(a) aponta: “Bom, eu acho que da um pouco de medo porque a gente nunca sabe o que vamos passar por lá.”

O estudante 3, relata que a cara da avaliação é “Fico com medo de não conseguir terminar os estudos, fazer faculdade. As vezes me dar vontade de desistir de tudo.” Na

opinião do estudante 2 sobre a avaliação da aprendizagem praticada na sua escola, ele(a) aponta: “Acho super difícil as vezes, principalmente na integrada.”

O estudante 4, relata que a cara da avaliação é “Porque eu acho muito difícil as coisas que acontecem em sala de aula, quanto as provas quanto os seminários, as vezes também é a vergonha.” Na opinião do estudante 4 sobre a avaliação da aprendizagem praticada na sua escola, ele(a) aponta: “Muito difícil até porque muitos professores e professoras fazem provas abertas.”

O estudante 5, relata que a cara da avaliação é “Ruim, porque os professores não sabem explicar as coisas.” Na opinião do estudante 5 sobre a avaliação da aprendizagem praticada na sua escola, ele(a) aponta: “As avaliações do que depender do professor são ruins, difíceis e com valor muito auto.”

O estudante 6, relata que a cara da avaliação é “As vezes tomo susto com avaliações surpresas, atividades muito difíceis.” Na opinião do estudante 6 sobre a avaliação da aprendizagem praticada na sua escola, ele(a) aponta: “É uma avaliação razoável.”

Considerações

Depois de analisar os dados da pesquisa percebe-se que a escola de certa forma usa da pedagogia do exame para avaliar seus alunos, infelizmente algumas práticas dessa pedagogia ainda está fortemente presente nas escolas públicas. Para Luckesi (2008, p. 17) “O mais visível e explícito desta pedagogia está na prática de ensino do terceiro ano do 2º grau, em que as atividades docentes estão voltadas aos treinamentos de “resolver provas” tendo em vista a preparação para o vestibular (...)”. Os dados comungam com a ideia do autor uma vez que, a escola escolhe os conteúdos que irão compor as avaliações durante a unidade letiva usando normas nacionais voltadas para o Enem.

O professor(a) entrevistado(a) não usa a pedagogia do exame na sua prática de ensino, nem a avaliação como forma de ameaça, ele(a) avalia seus alunos justamente para compreender e diagnosticar como está o seu trabalho e como que seus alunos captaram o material que debateram em sala. É importante ressaltar que as práticas utilizadas por outros professores podem ser diferente da(o) entrevistado(a), pois só foi

entrevistado um(a) em meio a 27 professores (as), não foi possível analisar as práticas de outros professores, uma vez que só entrevistou-se um (a), desta forma não é possível afirmar se existe ou não práticas da pedagogia do exame utilizada pelos outros (as) professores(as).

Por fim, após realizar a pesquisa nota-se que o processo de avaliação da aprendizagem nas práticas avaliativas na escola, apesar do professor investigado e o diretor refletirem sobre outras perspectivas de se pensar a avaliação no interior da escola, infelizmente ainda permanece privilegiando procedimentos classificatórios, como demonstra a representação que os alunos tem sobre as práticas de avaliação da aprendizagem vivenciadas na escola. Não deveria ser assim, uma vez que o ato de avaliar é antes de mais nada o ato de acolher. O ato de avaliar não é um ato impositivo, mas sim um ato dialógico, amoroso e construtivo. Desse modo, a avaliação é uma auxiliar de uma vida melhor, mais rica e mais plena, em qualquer de seus setores, desde que constata, qualifica e orienta novas possibilidades. (LUCKESI, 2000).

Referências

CHUEIRI, Mary Stela Ferreira. **Concepções sobre a Avaliação Escolar***. Estudos em Avaliação Educacional, v. 19, n. 39, jan./abr. 2008

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Porto alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev./abr. 2000. Disponível em: Pátio on-line.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 19.ed – São Paulo: Cortez, 2008.

MENEGHEL, Stela Maria; KREISCH, Cristiane. **Concepções de Avaliação e Práticas Avaliativas na Escola: Entre Possibilidades E Dificuldades**. Outubro de 2009.